



Resenha

NAS FRONTEIRAS EMBARALHADAS DA CIDADE:

experiências de pesquisa entre a violência e os
elos perdidos da política

Resenha de Francisco Thiago Rocha Vasconcelos*

Um programa experimental de pesquisa coletiva em movimento; assim poderia ser definida a proposta do livro de Vera da Silva Telles, fruto da atividade dos etnógrafos urbanos que, sob sua orientação, se lançaram à captura dos múltiplos vetores de transformação de São Paulo em “cidade global”, nas últimas décadas.

Os protagonistas dessa história, contudo, não são os altos executivos situados nos circuitos reluzentes do consumo, mas pessoas comuns que, sob o impacto da erosão dos direitos trabalhistas ocorrida nos anos 1990, trafegam nas franjas de um mercado informal expandido no contato entre os grandes equipamentos de consumo e as periferias da cidade. São esses atores, em suas estratégias de trânsito em meios sociais heterogêneos, que fazem circular a riqueza nos fluxos de bens e pessoas que convergem dos circuitos ilegais das economias transnacionais aos mercados populares de consumo, pois alteram rotinas e orçamentos domésticos, mobilidades ocupacionais e dinâmicas geracionais.

Associada ao acirramento da mundialização, portanto, uma crescente e ampliada zona cinzenta de indiferenciação entre o legal e o ilegal, o direito e a força, a norma e a exceção embaralharia as antigas referências da “cidade fordista”, mundo urbano-industrial organizado em torno do trabalho assalariado, da relação casa-trabalho e da ordenação hierárquica e segregada de territórios.

O desafio proposto pela obra é o da reinvenção de um espaço conceitual diante da implosão de um léxico que conferia sentido à atuação política no passado recente, no qual se articulavam progresso, mudança social e desenvolvimento (anos 1960/1970); e construção democrática e universalização dos direitos (anos 1980). Em suma, posta no horizonte estava uma modernidade inclusiva como projeto.

* Doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo.

Para a autora, atualmente, esse conjunto de apostas não acrescentaria uma perspectiva crítica perante as novas “metamorfoses da questão social” à brasileira: uma realidade que ultrapassaria a lógica da gestão das urgências presentes nos programas de assistência à pobreza e na “obsessão securitária”, que mobilizariam diversos setores da sociedade, inclusive a academia. Conforme Telles (2011, p. 159): “Em nome da urgência e da emergência, o espaço da política é subtraído, tanto quanto é erodido o campo da crítica e o exercício da inteligência crítica”, que não conseguiria escapar “do círculo de giz traçado entre a denúncia estéril e o pragmatismo, quando não a razão cínica, que apenas afirma o que está posto” (p. 65).

Se a relação entre trabalho, cidade e política, em um cenário de aposta na modernidade inclusiva, foi desfeita, a autora propõe a elaboração de outro espaço conceitual: economia de bazar, novas formas de trabalho e financeirização do consumo popular; mobilidades, redes, conexões e artefatos; ilegalismos, margens, mercadorias políticas e violência; referências que trafegam pelo debate das ciências sociais contemporâneas e revisitam conceitos e temas do debate acerca da “questão urbana” no Brasil.

Seria necessário perceber a cidade não mais a partir de pares de oposição como centro *versus* periferia, local *versus* global, laços comunitários *versus* laços societários, espaços de pobreza e de ausência de Estado *versus* espaços de circulação de riqueza e de presença de Estado. As (pré-)noções de *exclusão* e *segregação urbana* são desativadas ou reinventadas tendo em vista um espaço urbano modificado por fluxos de pessoas e bens em redes de relação mais ou menos extensas que atravessam e encadeiam as reciprocidades ditas locais no seio das transformações do “bazar contemporâneo” e que permitem trânsitos e intersecções nas fronteiras embaralhadas do formal-informal, legal-ilegal e ilícito, para utilizar formulação cara à autora.

Haveria, portanto, uma mudança de escala e um deslocamento das questões, a exigir não mais a ótica da incompletude ou falha do Estado, nem da oposição entre norma e desvio e muito menos da assistência social aos pobres, em suas “comunidades carentes”, mas das relações de poder, das contracondutas e das disputas sobre o sentido de ordem e seu avesso, em uma “antropologia das margens do Estado”, no contexto de um capitalismo desregulamentado.

Para dar conta desse deslocamento de perspectiva, a autora propõe o exercício de uma “etnografia experimental”, capaz de formular novas questões a partir de outro parâmetro descritivo e analítico. Regida pelo “paradigma da mobilidade”, a pesquisa procurou surpreender as cartografias alteradas da cidade a partir de

“postos de observação” estratégicos: as trajetórias urbanas de indivíduos e suas famílias, ancoradas em situações definidas.

Trata-se de uma história urbana contada a partir de “micro-histórias” de sujeitos pacatos ou não tão pacatos, que conjugam uma “arte de contornamento” nas fronteiras porosas do formal e informal, do legal e ilegal e também do ilícito. Em meio a essas muitas histórias, a autora flagra uma virada importante nos tempos sociais: dos anos 1990 ao início dos anos 2000, a diferença entre as gerações coincidiria com as mudanças no mundo do trabalho e nas dinâmicas urbanas. Seriam duas gerações, dois ciclos urbanos. Para as primeiras, a virada dos tempos significou a degradação das condições que estruturavam o mundo segundo a expectativa da mudança campo-cidade; da moradia autoconstruída em bairros onde “antes só havia mato”; do emprego estável e de um futuro promissor para os filhos. Estes, por sua vez, já entraram em um mundo revirado pelo “progresso” e suas consequências: o emprego precário, o desemprego e a lógica do endividamento são dados da realidade, no mesmo passo em que uma sociedade de consumo expande seus tentáculos para as periferias do mundo urbano, atravessando e embaralhando fronteiras territoriais e normativas.

No traçado dessas trajetórias, são descortinadas as questões da mobilidade social bloqueada, das novas maneiras de experiência das desigualdades, da adesão e também da resistência ao presente, questões que ensejam a procura dos elos perdidos da política.

Nessa procura, a autora acaba por se lançar nos trajetos e narrativas do “mundo do crime”. Histórias bandidas, que se contam pelo número de mortos em tempos de guerra, em acertos de conta; que se cruzam com a história do “mundo da ordem”, nem sempre bem delimitado em suas fronteiras com o “mundo do crime”. Ao contrário, o retrato traçado se refere a uma história de negociações das margens mediadas pelo uso da força, suspensão da substância da lei no exercício mesmo de sua vigência.

Se a circulação na cidade ganha novos contornos em fronteiras embaralhadas, as passagens entre umas e outras, contudo, não ocorrem sem embaraços e sem bloqueios. Elas exigem um constante jogo entre identidades superpostas e de negociações com as forças da ordem, “ligações perigosas” com os mercados de proteção (MISSE, 2007), processo em que se processa a produção das “margens”, que se fazem, refazem e se deslocam de acordo com a mudança de operação dos representantes da ordem. Nessas fronteiras porosas, seriam elaboradas as formas de gestão e negociação da ordem (e seu inverso) junto aos agentes do Estado, seja em sua face repressiva, seja assistencial, e aos agentes do crime.

Caímos, então, no campo de questões e relações enfeixadas pela (pré-)noção de violência urbana, que não surge imediatamente como tema, mas ganha centralidade, uma vez que extravasa os contornos dos objetos pré-configurados. Nesse campo, para a realidade de São Paulo, marcada por estudos de cunho histórico e institucional, o livro supre uma lacuna e compõe, junto à *Cidade de muros*, de Teresa Caldeira (2000), mais uma referência importante no estudo da violência segundo uma perspectiva societária.

Temas complexos como o crescimento da criminalidade urbana violenta nos anos 1980-90 e a formação de grupos de extermínio, a evolução do mercado de drogas na cidade e sua relação com o mercado de proteção ilegal e com a política de encarceramento são colocados em perspectiva. Trata-se de construir esses temas não sob o marco das permanências e continuidades de uma história de *longue durée*, de um código de violência dos sertões, de entulhos autoritários nas estruturas do Estado; dos recortes da pobreza, das carências urbanas e ausência do Estado ou do registro do que falta, falha ou não se completa na sociedade brasileira diante do horizonte da modernidade. A autora propõe uma análise crítica da criminalização da pobreza em um cenário destituído da eficácia da gramática dos direitos, centrada nas rupturas e viradas de sentido produzidas pelas novas dinâmicas decorrentes da mundialização nas relações de poder constitutivas dos espaços da cidade.

Seguindo esse nexo, por meio das histórias bandidas dos justiceiros (anos 1980), dos matadores (anos 1990) e dos traficantes (anos 2000), desloca-se o enfoque posto no debate sobre a redução dos homicídios em São Paulo. Agora, ao se adentrar nessa discussão, não podem ser desconsiderados outros aspectos da “pacificação” ocorrida nas regiões consideradas mais violentas, como as formas políticas de resolução de conflitos postos em circulação dentro e fora das cadeias pelo Primeiro Comando da Capital (PCC); ou da geografia das “resistências seguidas de morte” nos registros policiais.

O livro lança o desafio de tornar mais discerníveis os contornos desse fenômeno, para além dos extremos polares do discurso da eficiência estatal e da mistificação em torno do crime organizado. Seria possível indagar sobre a total perda de eficácia ou validade da gramática ligada à construção do Estado de Direito. Mas o debate continua, e, desafio posto, fica-se à espera das novas experiências desse coletivo de pesquisa em movimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/EDUSP, 2000.
- MISSE, Michel. Mercados ilegais, redes de proteção e organização local do crime. *Revista Estudos Avançados da USP*, v. 21, n. 61, pp. 139-158, 2007.
- TELLES, Vera da Silva. *A cidade entre as fronteiras do legal e ilegal*. Belo Horizonte: Argvmentvm Editora, 2011.